

EDITAL MALDITO

DF

JORNAL DE BRASÍLIA 12 MAR 1992

FUNDAÇÃO DEFINE VERBA PARA A CULTURA E PROVOCA PROTESTOS ENTRE PRODUTORES QUE ESPERAVAM MELHORES DIAS

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

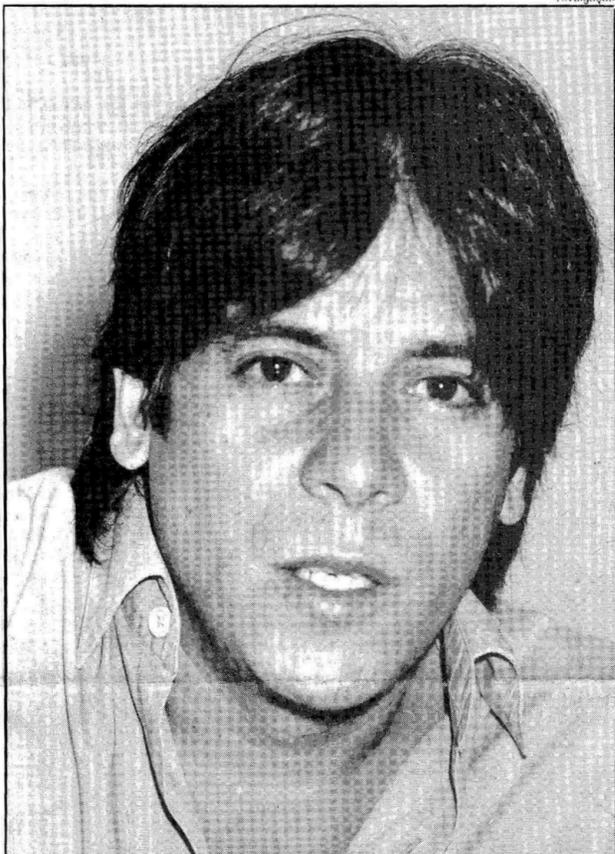
Nem bem foi divulgado e o *Edital de Patrocínio de Projetos*, da Fundação Cultural do DF, já está causando polêmica. Vários produtores da cidade estão insatisfeitos com os recursos de Cr\$ 600 milhões destinados às áreas de Artes Cênicas, Literatura, Editoração, Música, Artes Plásticas, Cinema, Vídeo, Fotografia, Folclore e Pesquisa. Entre os insatisfeitos, destaca-se José Soter, 37 anos, vice-presidente da Apac (Associação de Produtores de Artes Cênicas). Ele argumenta que Cr\$ 600 milhões, divididos em seis parcelas de Cr\$ 100 milhões, no período de abril a novembro, "não são significativos".

Para o produtor, "faz-se necessário levar em conta que, ano passado, as Artes Cênicas foram atendidas pelo *Edital Auxílio Montagem* com recursos no valor de Cr\$ 100 milhões". Para este ano, pondera, "a quantia foi multiplicada por seis, mas para atender a todas as áreas, ou seja, do Cinema a Artes Plásticas, da Música à Literatura, da Pesquisa ao Folclore". Aliás, provoca, "o *Edital de Patrocínio de Projetos*, este ano, mais parece um *Inventário Cultural*, que um programa de fomento à produção local". Ou seja, "os recursos — mínimos, se comparados com o orçamento global da Secretaria de Cultura (Cr\$ 23 bilhões) — se destinam a todos os setores da produção cultural, sem distinção. Como não há editais por áreas — nos moldes de *Auxílio Montagem para Artes Cênicas* do ano passado — deduz-se que a FCDF quer promover levantamento das aspirações e projetos dos produtores locais para 1992. Só que os recursos destinados à comunidade são muito reduzidos".

O ator Alexandre Ribondi, 38 anos, que ano passado viu três de seus textos nos palcos (*Judia de Mim*, *O Descobrimento de Américo* e *Os Jardins Suspensos da Bobalhona*), está preocupado, há meses, com o destino das Artes Cênicas. Quinze dias atrás, no *Jogo de Cena*, ele entrevistou o secretário de Cultura, Fernando Lemos, e ouviu dele a promessa de que o Teatro e a Dança seriam alocados com Edital no valor de Cr\$ 700 milhões. Depois, o secretário esclareceu à imprensa que a verba era para o *Edital de Patrocínio* de todas as áreas artísticas. Mesmo assim, Ribondi continua acreditando que haverá *Edital para Auxílio Montagem*. "Sei das dificuldades do Governo", esclarece, "pois a crise econômica está realmente grave. Mas creio que as Artes Cênicas — um setor que conta com bons profissionais em Brasília — receberá a atenção que merece". O dramaturgo, ator e diretor teatral aguarda verba "de pelo menos Cr\$ 200 milhões de cruzeiros, o dobro do ano passado, apesar da inflação acumulada" (de março de 91 a fevereiro/92, o índice, segundo o IGP da Fundação Getúlio Vargas é de 519,28, o que obriga a uma correção dos Cr\$ 100 milhões originais para Cr\$ 619 milhões). Ribondi espera, ainda, que "este ano se invista mais na qualidade que na quantidade".

Final, no "ano passado, dezenas de grupos, sem currículo, apreciação crítica e borderões que confirmassem interesse por trabalhos anteriores, receberam recursos iguais aos de grupos já testados e experientes".

Redução — Alexandre Ribondi está intrigado com a possibilidade do *Edital de Auxílio Montagem* não ser editado em 92 e com a redução dos Cr\$ 700 milhões anunciados por Fernando Lemos, no *Jogo de Cena*, por Cr\$ 600 milhões. Ele lamenta que o custo do Projeto Oficina seja abatido dos recursos ("já reduzindo") do *Edital de Patrocínio*, uma vez que o Edital nem foi, ainda, oficialmente divulgado. "Tal procedimento" — critica — "pune os produtores que vão se submeter às regras do Edital. O Conselho Deliberativo não deveria ter



Fernando Lemos: prioridade para oficinas e espaços culturais



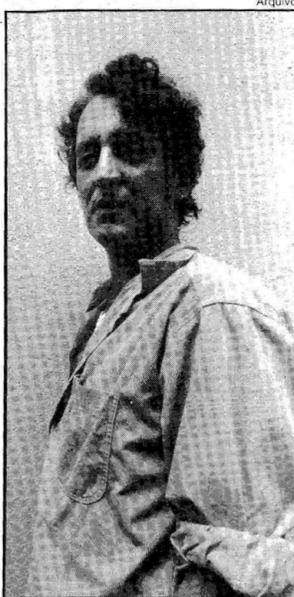
Maria Luiza Dornas: "Não há nenhum tipo de ilegalidade"



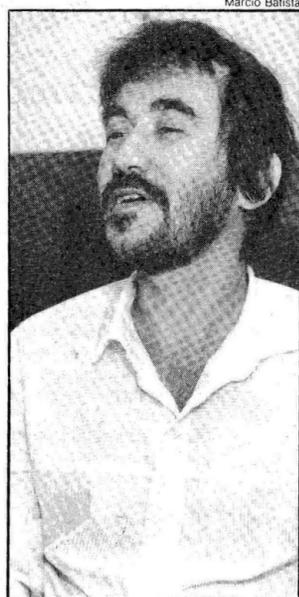
Guilherme Cabral



Nivaldo Ramos de Freitas



Alexandre Ribondi



José Soter

Secretaria promete recursos para produções culturais

O secretário de Cultura, Esporte e Comunicação Social, Fernando Lemos, 43 anos, promete alocar novos recursos para a área da produção cultural (sempre pelo mecanismo do Edital) tão logo "o GDF encontrar folga em seus orçamentos".

Ele justifica a redução dos Cr\$ 700 milhões, que anunciou no *Jogo de Cena*, para Cr\$ 600 milhões com o argumento da gravidade da crise econômica que assola o País. "Estamos, em todas as áreas do GDF" — testemunha — "trabalhando com orçamentos cortados pela metade, já que vem-se verificando violenta redução na arrecadação de tributos". E mais: "É ilusório pensar que a Secretaria de Cultura e a Fundação Cultural têm em caixa, para este ano, Cr\$ 23 bilhões". Na realidade, "estes recursos, previstos no Orçamento, incluem custeio de pessoal e manutenção de nossos espaços, e mesmo assim foram reduzidos de forma substancial".

Depois de desenhar quadro de tamanhas dificuldades, Lemos avisa aos produtores culturais que a ênfase

de sua administração recairá, realmente, sobre oficinas e recuperação de espaços, em especial teatros como o da Praça, em Taguatinga; Aloysio Magalhães, no Centro de Convenções, e Casa do Teatro Amador".

Desconto — "Não pudemos", assegurou o secretário, "deixar de descontar os recursos aprovados pelo Conselho Deliberativo para o Projeto Oficina do bolo geral, por uma razão muito simples: o Departamento de Promoções da FCDF só dispõe de Cr\$ 700 milhões. Em que outro bolo orçamentário encaixaríamos o projeto?".

Para acalmar os ânimos dos descontentes, Fernando Lemos promete lançar novo edital no segundo semestre, "caso haja folga de caixa". Promete mais: "A seleção de projetos será eficiente, justa e atenderá aos que realmente apresentarem propostas consistentes". Outra promessa: "Os recursos serão liberados em tempo hábil e de forma organizada". Os tumultos e atrasos do ano passado (na gestão

Márcio Cotrim/Luiza Dornas) foram provocados, segundo testemunho do novo secretário, "por falta de organização nos quadros da Fundação Cultural e carência de assessorias realmente qualificadas".

"Ilegalidade" — Maria Luiza Dornas, 39 anos, diretora-executiva da FCDF garante que "não há nenhum tipo de ilegalidade" no fato de se descontar Cr\$ 100 milhões dos Cr\$ 700 milhões prometidos por Fernando Lemos, no *Jogo de Cena*. Na realidade, explica, "apenas reciclamos orçamentos para atender a um projeto (o Oficina) aprovado em caráter excepcional pelo Conselho Deliberativo".

"Se" — pondera — "eu não tirar Cr\$ 100 milhões (dos Cr\$ 122 milhões destinados ao Projeto Oficina) da verba destinada ao Edital de Patrocínio, de onde vou tirá-los? Será que os produtores ainda não compreenderam que as prioridades da Secretaria de Cultura e Fundação Cultural são as oficinas, os projetos que deixam resíduos, que dão

contrapartida aos investimentos apoiados pelo Estado?"

Feita a pergunta, Luiza Dornas avisa aos interessados que, neste domingo, dia 15, os jornais locais publicarão o Edital de Patrocínio. Solicita, então, que "cada produtor elabore seu projeto pensando no Estado não como um pai, mas como um parceiro que tem responsabilidades sociais". E joga um balde de água fria nas esperanças de Alexandre Ribondi, que ainda aposta no Edital Auxílio Montagem. "Temos dois editais este ano: o primeiro — o de Pautas Para Uso dos Próprios da FCDF — já encerrou seus prazos de recebimento de propostas. O segundo — Edital de Patrocínio — será divulgado no domingo". Durante 30 dias — arremata — o Protocolo da FCDF (Anexo do Teatro Nacional, SCN-Via N2, informações pelo fone 321-3738 — Ramal 169) estará recebendo propostas que serão avaliadas na segunda quinzena de abril por comissão idônea e qualificada. (MRC)

aceito esta redução".

Única saída — Guilherme Cabral, 59 anos, membro do Conselho Deliberativo da FCDF e autor do projeto que ano passado garantiu Cr\$ 100 milhões para o *Auxílio Montagem*, concorda com a observação de Ribondi. "Quando aprovamos o *Projeto Oficinas*, que é de excelente qualidade, a diretora-executiva da Fundação Cultural não nos avisou que os Cr\$ 122 milhões que estávamos liberando em caráter excepcional seriam descontados dos Cr\$ 700 milhões do *Edital de Patrocínio*. Esta informação me pegou de surpresa na reunião da última terça-feira". Mesmo assim, Cabral acredita que "Cr\$ 600 milhões são um bom orçamento para patrocínio de projetos culturais brasileiros".

Nivaldo Ramos, 34 anos, também integrante do Conselho Deliberativo da FCDF, discorda. Para ele, "Cr\$ 600 milhões significam pouco se se levar em conta a amplitude de alcance do *Edital de Patrocínio*". Ele, que é diretor de teatro, entende que "não haverá recursos suficientes para atender a todas as áreas".

O conselheiro garante que aceitou os Cr\$ 700 milhões reduzidos em Cr\$ 100 milhões para evitar "a tragédia dos anos Marlos Nobre". Naquele período — conta — "a cidade passou dois anos sem nenhum tipo de patrocínio, já que o recurso do Edital, o mais democrático possível, foi abandonado".

Nivaldo acredita que, dentro de 30 dias (a serem contados a partir de "domingo próximo, data da publicação do Edital na imprensa), se conhecerá a grandeza de projetos gerada pelos produtores locais. "Ai sim", acredita, "teremos realmente condições de ver o quanto modestos são os recursos liberados agora". O número de projetos assegura, "será tão significativo, que a FCDF sentirá a necessidade de buscar novos recursos para novo Edital".

O fato de se ter abatido Cr\$ 100 milhões nos Cr\$ 700 milhões previstos para o *Edital de Patrocínio*, por causa do Projeto Oficina, causou estranhamento a Nivaldo. "O mais correto", diz ele, "seria colocar o *Oficinas* na rubrica que atenderá ao Projeto de Oficinas da FCDF e não no Edital de Patrocínio, que nem existia quando, em caráter excepcional, o Conselho Deliberativo o aprovou o projeto da Produtora Diapositivo".

Prejuízo — O produtor José Soter faz questão de lamentar a "a exigüidade de recursos liberados para incentivo à produção local por um ano inteiro" e defender o setor em que sua produtora (a BSB Três) mais atua: as Artes Cênicas. "O normal seria" — pondera — "que a Secretaria de Cultura destinasse pelo menos 10% de seu orçamento global (Cr\$ 23 bilhões) para o fomento da produção cultural brasileira". Agindo assim — entende — "a Secretaria e a Fundação Cultural dividiriam com a comunidade a tarefa de dinamizar a vida da cidade". Do jeito que os recursos foram liberados — lamenta — "a FCDF continuará sendo a grande produtora da cidade, consumindo grandes verbas com o Festival de Cinema, o Encontro Nacional de Escritores, os Salões de Artes Plásticas (local e nacional), os Projetos Sarau e Made in Brasília, a Semana do Folclore, etc".

Soter entende que as Artes Cênicas acabam com as menores fatias dos recursos da SC/FCDF. "O Cinema, as Artes Plásticas e a Literatura acabam bem aquinhoados devido ao volume de recursos gastos com projetos como o Festival e o Pólo de Cinema e Vídeo; os Salões de Artes e o Encontro de Escritores". Na área do Teatro e da Dança — pergunta — o que vem sendo feito? Afinal, "nossas solicitações, encaminhadas pela Apac (Edital de Auxílio Montagem, Campanha de Popularização do Teatro e patrocínio do Prêmio Apac) não foram atendidas".